

A FÁBULA NA SALA DE AULA: A GÊNESE, O GÊNERO E A ZOOLITERATURA

Autora: Katiana Barbosa de Arruda

Universidade Estadual da Paraíba Email: katianacazu@hotmail.com

RESUMO

O público alvo dessa pesquisa está inserido em um ambiente que confere maior proximidade com a natureza e os animais. São alunos domiciliados na zona rural, crianças e jovens que lidam, convivem e possuem uma relação bastante complexa com os outros seres. Se por um lado estão acostumados a presenciar as mais variadas espécies do sertão nordestino, como aves de rapina, mamíferos e répteis, inseridos em um ambiente de natureza plena, por outro lado, tendem a receber de seus pais, avós e bisavós uma herança que prega o predomínio da espécie humana e a dominação em relação à natureza. Os animais, dessa forma, são subjugados, admirados, marginalizados, confinados, amados, comidos, torturados; atitudes e sentimentos que, muitas vezes, permanecem em desordem na consciência de crianças e jovens em plena formação cognitiva. Pensando nisso, essa proposta tem por objetivo trabalhar a formação do leitor literário, com apoio da literatura de temática voltada para os animais. O foco está na competência leitora dos alunos do Ensino Fundamental II, de uma Escola Municipal em Aroeiras-PB, na perspectiva do letramento. A partir disso, pretende-se verificar a relação aluno e texto literário, identificando-se estratégias de como se executar a prática do letramento literário, pelo viés da leitura e da escrita, e quais mudanças podem ser vistas no desenvolvimento de visão de mundo. As etapas serão trabalhadas através do gênero fábula, identificado na zooliteratura e representado nas obras de autores brasileiros. Acreditamos, com a prática de leitura dos textos literários selecionados a partir de uma abordagem sociodiscursiva, privilegiando, pois, uma temática contextualizada, ser possível promover o diálogo do aluno com o texto, desafiando-o, seduzindo-o, encantando-o, fazendo-o se interessar pela leitura literária e, também, possibilitando uma formação mais crítica e ética, indo além da mera informação e entretenimento e proporcionando uma atividade de conscientização e sensibilização humana. Como referencial teórico contamos com os estudos de Bakhtin(1992), MARCUSCHI (2008), MACIEL (2016), GARRARD (2006), COSSON (2012), entres outros.

Palavras-Chave: Letramento. Fábula. Zooliteratura

1. INTRODUÇÃO

As atividades requeridas aos alunos no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa oscilam entre dois mundos, o da leitura e o da escrita. No âmbito da leitura, o que se espera é que o aluno, ao fim de sua formação no ensino básico, saia não só capacitado a decodificar e reconhecer diferentes tipos de textos, mas também habilitado a compreender e interpretar o que foi lido.

É, portanto, nesse contexto, que podemos destacar a importância dos gêneros como operadores de transformação na relação de ensino e aprendizagem, bem como fomentadores poderosos para a formação de leitores mais proficientes e autônomos, sobretudo, em relação os textos literários.



Importante destacar que as potencialidades da leitura vão muito além da decodificação e da compreensão de textos. Podemos atribuir à leitura a responsabilidade pela formação do indivíduo, pois é por meio dela que é possível ampliar e diversificar conhecimentos. A literatura, por sua vez, cumpre um papel ainda mais nobre, pois, além de ampliar e diversificar conhecimentos humaniza e prepara o indivíduo para a vida.

Por isso, o nosso papel, enquanto professores de Língua Portuguesa, é muito importante, pois, no âmbito escolar, é nossa a responsabilidade de separar, escolher e apresentar os mais variados tipos de textos aos alunos, incluindo os textos literários, muitas vezes relegados a segundo plano, principalmente no Ensino Fundamental.

Até porque, a relação entre ensino e literatura no Brasil passa por muitos entraves. De acordo com Coenga (2010), está relação é de iminente falência, em todos os níveis de ensino, sobretudo porque a função da literatura enquanto construtora e reconstrutora da essência humana não tem sido levada em consideração.

Nesse sentido, o professor se encontra em uma situação desafiadora, qual seja, o de proporcionar o crescimento do leitor literário a partir da promoção do letramento.

No ensino fundamental, por não constituir uma disciplina obrigatória, a literatura fica, muitas vezes, condicionada a pequenos textos ou fragmentos trazidos pelo livro didático.

Dessa forma, faz-se necessário diagnosticar a relação aluno e texto literário, identificando melhor as estratégias de como executar a prática do letramento literário, pelo viés da leitura e da escrita, verificando quais mudanças podem ser vistas no desenvolvimento de visão de mundo desse aluno e tendo como princípio norteador a ampliação das práticas sociais.

Levando em consideração o público alvo dessa pesquisa, crianças e jovens que lidam, convivem e possuem uma relação bastante complexa com os outros seres e com a natureza, esse trabalho busca interceder na formação do leitor literário, oferecendo como proposta o estudo da zooliteratura, literatura de temática voltada para os animais, cuja motivação será trabalhada a partir do gênero fábula.

A zooliteratura é um campo que, assim como a Ecocrítica tem se destacado nas últimas décadas pelo caráter transdisciplinar e universal conferido às discussões sobre a relação entre o homem e o animal.

Surgido nas academias inglesa e americana, tal campo vem se expandindo pela América Latina. No Brasil, essa nova linha de investigação no campo da literatura tem sido abordada pela

autora Maria Esther Maciel, a qual acredita ser os estudos animais uma excelente oportunidade para refletir sobre a transdisciplinaridade, a questão do animal, da animalidade e dos limites do humano.

2. METODOLOGIA

Para esse estudo de natureza pesquisa-ação e em função do projeto de intervenção, “Exercícios de leitura pela zooliteratura”, optamos por adotar uma proposta cuja motivação será trabalhada através do gênero fábula.

A escolha da fábula, como gênero textual a ser aplicado para a formação do letramento não foi aleatória, pois, pela sua feição própria, bem característica e, por ser um gênero curto e nada entediante, mostrou-se bastante pertinente para a iniciação dos jovens no universo do texto literário. Ademais, esse gênero ainda carrega consigo traços da tradição oral, mantendo uma linguagem concisa, breve, porém bastante densa e peculiar, enriquecida com marcas de estilo individual dos escritores, fazendo com que haja uma maior proximidade entre autor, texto e leitor.

Outra característica marcante da fábula, capaz de intensificar o gosto pela leitura, é a forte ligação que esse gênero literário estabelece com os temas do cotidiano, os ensinamentos passados de geração em geração e, portanto, bastante significativo e presente na vida das pessoas. E, apesar de o tema não ser o único fator significativo da fábula, pode fazer a diferença quanto à excepcionalidade do texto.

Um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuavam virtualmente na memória e na sensibilidade; um bom tema é como o sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência, até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência (CORTÁZAR, 2017, p. 154).

Além disso, assim como a crônica e o conto, a fábula oferece ao leitor assuntos do cotidiano, transformando, desse modo, a literatura em algo íntimo em relação à vida de cada um. Esse aspecto é muito importante, na medida em que torna a leitura mais leve e sem a falsa seriedade que, muitas vezes, confere-se aos textos extensos e, conseqüentemente, às obras literárias. Para Candido (2016), aprende-se muito mais quando a linguagem é leve e diverte, pois o divertido atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.

De tal modo, a fábula é capaz de produzir no leitor “algo como uma explosão, levando as comportas mentais a expandirem-se, projetando a sensibilidade e a inteligência a dimensões que ultrapassem infinitamente o espaço e o tempo da leitura”. (MARIA, 2004, p.24).

Pensando nas contínuas experiências possibilitadas pela leitura do gênero fábula e dando margem para que o aluno desenvolva práticas de leitura e escrita, decidimos pela adoção de uma metodologia pautada nas seguintes etapas:

1. aplicação de questionário junto aos alunos, para verificação de conhecimentos prévios relacionados à temática proposta; uma maneira de abrir espaço para o diálogo e um modo interessante de conhecê-los melhor.

A finalidade é traçar o perfil do aluno quanto a sua prática de leitura e escrita, assim como, conhecer o material que possuem ou costumam manusear, bem como, registrar preferências e sugestões.

Esse tipo de sondagem mostra-se bastante pertinente, pois, no Ensino Fundamental II, muitas vezes, o vínculo entre nós - professores e alunos - fica em segundo plano, tamanha é a necessidade de cumprir com o programa e o conteúdo estabelecidos.

2. análise dos questionários para diagnose e implantação das atividades; pois, mapear o que os alunos leem e escrevem é, sem dúvida, o primeiro passo para planejar atividades de leitura e escrita significantes.

Ademais, Souza (2012) chama a atenção para o fato de que algumas práticas de letramento, apesar de permanecerem na invisibilidade ou não serem reconhecidas pela escola, demandam atividades sociais que envolvem a leitura, a escrita e a fala.

3. seleção de textos literários de autores incluídos na linha dos estudos animais; para essa etapa, optamos pelas fábulas de José Mauro de Vasconcelos, bem como pelos textos de autores da literatura brasileira, como Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Caio Fernando Abreu, por exemplo, escritores que se destacaram nesse gênero e, principalmente, porque, estes tiveram o cuidado de pensar em uma literatura capaz de reconhecer outras comunidades, privilegiando também as diferenças e, conseqüentemente, o outro, humano ou não-humano, a exemplo dos animais.

Essa abordagem do animal na literatura e nas artes em geral é muito importante, tendo em vista que eles servem à “comunidade humana, não somente de modo utilitário, mas também e, sobretudo, como *geradores de sentido*” (LESTEL, 2011, p.45).

4. formação de círculo de leitura na perspectiva do letramento literário; a intenção é formar um grupo de leitura a partir da seleção das obras, dando condições para que os alunos interajam e discutam livremente. Cosson (2014) sugere que essa etapa obedeça a um cronograma de encontros e que essa prática se estenda por todo o ano, sob a orientação de todos os professores.

5. aplicação da sequência básica; embasada pelos quatro pilares propostos por Cosson (2012), a saber: motivação, introdução, leitura e interpretação.

6. produção de textos; é importante permitir a experiência da escrita como resposta amorosa ao que foi vivenciado com a leitura contextualizada. A produção textual, nesse sentido, pode refletir a motivação, a fantasia e a sensibilidade alcançada a partir da leitura dos textos selecionados, possibilitando a verificação da competência dos alunos quanto à capacidade de expressar de forma coerente conceitos, fatos e situações envolvidos nos estudos sobre o gênero e a temática propostos.

7. reescrita dos textos produzidos pelos alunos; esse trabalho com o texto é imprescindível, sobretudo se esse exercício se der de modo coletivo, momento em que há a possibilidade de se discutir semelhanças e diferenças entre os textos, pautando-se na estrutura do texto, mas também na contextualização das ideias.

Para Citelli (2003), essa atividade de leitura/escritura e reescritura mostra-se fundamental. Para ela, o texto (re)construído pode resultar em uma vivência ativa com a linguagem.

8. coleta dos dados; através dos textos produzidos e de questionários.

9. análise e discussão dos resultados

A instituição escolar escolhida para aplicação dessa pesquisa está situada em uma comunidade pequena, na zona rural do município de Aroeiras-PB, onde residem 110 famílias, aproximadamente 450 habitantes.

O local fica a cinquenta minutos da cidade, tomando-se por parâmetro o ônibus como veículo utilizado, e possui um difícil acesso, de modo que os alunos podem ser identificados como moradores da própria comunidade e/ou de sítios vizinhos.

A comunidade, intitulada de Cachoeira Grande, possui uma única instituição de ensino, a qual oferece os turnos manhã e tarde, sendo que o turno da tarde fica reservado aos alunos do 6º ao 9º ano. O público é bastante reduzido, somando quarenta e oito alunos. Destes, vinte e dois estão matriculados no fundamental II.

A escola foi inaugurada em 1966 e, devido às péssimas condições do prédio, passou dois anos funcionando em uma residência improvisada. Apenas no final do ano passado, uma nova



estrutura foi inaugurada, possibilitando maior conforto, segurança e recursos para os alunos, professores e funcionários.

Importante destacar algumas características dos alunos, assim como, em que contexto eles estão inseridos:

- I. A maioria é composta por adolescentes, na faixa de idade entre 10 e 15 anos, cujo poder familiar é exercido pelos avós, pois, os pais e os outros familiares migraram para o sudeste do país em busca de melhores condições de trabalho;
- II. O tempo que possuem fora da escola é reservado para a realização de tarefas domésticas ou para o trabalho na roça, onde ajudam os avós no plantio e na colheita de milho, feijão, mandioca, entre outros cultivos de subsistência;
- III. Por viverem cinquenta minutos da cidade, só dispõem da companhia uns dos outros, dos animais de estimação (cães, gatos, cavalos, galinhas) e da televisão, como meios de entretenimento. São poucos os que possuem acesso à internet.
- IV. Grande parte deles expressa o desejo de alcançar a maioridade e realizar um sonho: morar e trabalhar no Rio de Janeiro.

Embora haja uma relação intrínseca desses alunos com o ambiente natural, ou seja, com a terra, a paisagem, as plantas, o clima, por exemplo, a interação entre eles e os animais mostra-se bastante complexa.

Se, por um lado, tendem a amar e proteger as espécies que os ajudam na labuta, como os cavalos e os cães, por outro lado, ignoram e maltratam as outras espécies de mamíferos, a exemplo dos gatos e dos porcos, e não só estes, as aves, os répteis, animais domésticos e silvestres que, em grande número, habitam a comunidade campesina de Cachoeira Grande.

Nesse sentido, todo o olhar voltado para os animais na literatura é muito bem-vindo, pois ajuda a fomentar a reflexão e a formar uma consciência crítica em relação ao tratamento conferido ao outro, ao diferente ou, ainda, ao que se mostra distante, desconhecido.

3. RESULTADOS ESPERADOS

Ao término das estratégias propostas, acreditamos ter podido despertar nos alunos o potencial crítico para refletir e discutir sobre as questões ambientais, sobretudo, aquelas que envolvem a relação entre homem e animal, a partir dos mais variados textos e, em especial, os literários,

extraindo destes últimos não somente um potencial estético, mas também um conteúdo pedagógico e necessário para o processo de construção do conhecimento.

Da mesma forma, acreditamos que essa pesquisa possa abrir caminho para uma compreensão mais ampla e plural da vida, enquanto continuidade e complementariedade, sobretudo, para aqueles que enxergam o lugar e o espaço como unidade de sentido. E, ao mesmo tempo, proporcionar, através da temática animal, ainda pouco discutida no âmbito da literatura, a preocupação com a natureza e os animais, de modo que, tal preocupação sirva como sondagem sobre o modo como tratamos nossos semelhantes.

4. DISCUSSÃO

No que concerne à literatura, sabe-se que “as tentativas de sondagem animal nunca deixaram de instigar a imaginação e a escrita de poetas e escritores de diferentes épocas e transcendências” (MACIEL, 2016, p.14).

E, mesmo sem o apurado conhecimento acerca da anatomia, comportamento e especificidades das espécies animais, muitos escritores utilizaram-se do estereótipo animal para criar muitas das histórias que povoaram e ainda povoam o imaginário popular, através das conhecidas fábulas.

No século XVII, por exemplo, as fábulas de La Fontaine alcançaram grande repercussão por refletirem o contexto social, político e econômico da época, uma maneira de denunciar boa parte das desigualdades que afligiam a população naquele período.

Nesse gênero, a imagem do animal serviu como modelo para ensinar “boas maneiras” aos homens. Desse modo, cães, lobos, raposas, cavalos, águias, formigas, entre outras espécies animais foram utilizadas como eufemismo no jogo do “dizer o não dito” e, usados como matéria de comédia e escárnio.

Os animais foram postos, portanto, em segundo plano, servindo apenas como meio para referendar o modelo antropocêntrico há muito sustentado pelo viés humanista, tratados, quando muito, como figuras neutras, passíveis de serem antropomorfizadas, sobretudo, quando o assunto percorria os âmbitos da moral e do lúdico.

No Brasil, conforme Bagno (2006), não foi diferente. Monteiro Lobato tratou logo de adaptar as fábulas mais famosas de Esopo, Fedro e, claro, La Fontaine para o contexto e ambiente brasileiro, ficando conhecido como representante ícone da Literatura infanto-juvenil, sobretudo

pelas histórias escritas para as personagens de o Sítio do Pica Pau Amarelo, textos cujas narrativas passaram a representar a tradição, a cultura e a moral nacional.

Embora a fábula tenha tido como fim último alardear a sabedoria humana através de textos nos quais os animais aparecem destituídos de suas subjetividades, ou seja, negados enquanto seres vivos dotados de sensibilidade e desejos, Desblache (2011) explica que nem todas as abordagens feitas na literatura e nesse gênero, especificamente, depuseram contra os animais.

Pelo contrário, a pesquisadora acredita que apesar da significativa distância mantida pelos escritores nas fábulas, sobretudo nas mais tradicionais, os animais não deixaram de se sobressair, pois a eles foram dados o poder da palavra e da razão, uma oportunidade de avaliá-los e “descrevê-los como criaturas sensíveis e inteligentes e de realçar as fragilidades das fronteiras entre seres humanos e não humanos”. (DESBLACHE, 2011, p.300).

O próprio La Fontaine era consciente do papel de sua obra, reconhecendo que mais do que incutir valores sociais e políticos, suas fábulas conferiam às crianças a possibilidade do primeiro contato com o mundo exterior, proporcionando um conjunto de saberes que perpassam os livros e são capazes de oferecer um sentido global para a existência de todos os seres, enaltecendo ainda mais o papel de cada um na Terra.

Ademais, pode-se dizer que, bem antes de La Fontaine, as fábulas já faziam parte do universo encantador das histórias contadas pelos mais velhos, avós que se encarregavam de aconselhar, através da narrativa oral, os mais jovens, na esperança de preparar as crianças para serem sujeitos morais.

Para Oliveira (2011), a fábula foi a gênese de tudo e mais que um gênero, uma qualidade do narrar, de modo que pode estar presente em qualquer outro tipo de narrativa, a exemplo dos contos de fadas, dos mitos, das lendas e das próprias fábulas, tomadas em sentido estrito.

De acordo com a autora, a fábula se impõe para além de um gênero literário, colocando-se enquanto prática discursiva, “ultrapassando os limites do texto relacionando-se ao momento da enunciação” (OLIVEIRA, 2011, p.21).

Desse modo, esse gênero literário mostra-se extremamente significativo quando o objetivo é denunciar e criticar as mais variadas injustiças, sejam elas cometidas contra o homem ou contra o próprio animal, este utilizado nos textos mais tradicionais como metáfora do humano.

Segundo Desblache (2011), o período moderno trouxe outras possibilidades de abordagem e de convivência com o outro, a tão bem quista alteridade, de modo que a fábula mantém-se como uma janela, aberta aos avanços da ciência, do desenvolvimento e de uma nova consciência.

Se algum dia já houve quem pensasse que os gêneros textuais pertenciam a uma classe bem delimitada do ramo da linguística, atualmente, há de concordar que tal ideia ficara mesmo no passado.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais pertencem a uma classe muito mais ampla de estudos, abrangendo a literatura, a sociologia, a retórica, a análise do discurso, entre outras especialidades de análise e pesquisa, de modo que se tornou o assunto da vez, como diria o autor, da moda.

Ademais, a própria função dos gêneros, no campo da linguística, busca resgatar, através do que se denomina múltiplos letramentos ou letramentos múltiplos, essas várias capacidades de comunicar-se por outros sentidos, para além de um único código (escrito ou falado), de modo a facilitar o convívio como o Outro (alteridade) dentro de um ambiente que tem se tornado cada vez mais complexo, plurissemiótico e tecnológico. Essa tentativa dá-se, principalmente, no âmbito escolar:

Busca-se desenvolver nos alunos a habilidade de expressar identidades multifacetadas apropriadas a diferentes modos de vida, espaços cívicos e contextos de trabalho em que cidadãos se encontram; a ampliação dos repertórios culturais apropriados ao conjunto de contextos em que *a diferença tem de ser negociada*; [...] a capacidade de se engajarem numa *política colaborativa que combina diferenças em relações de complementariedade* (ROJO, 2009, p. 109)”. (Grifo nosso).

Nesse sentido, a escolha pelos gêneros prima por outras formas de enxergar o mundo, ou seja, dá ênfase nas relações de sentido entre os sujeitos que interagem, determinando, pois, como se dá a produção desse sentido.

Desse modo, a abordagem através do gênero textual fábula permite que as práticas discursivas e de interação comunicativa e social possuam uma significância para a vida real dos sujeitos. E, é essa concepção que tomaremos como norte para o projeto aqui pensado, tendo em vista que partimos do pressuposto de que o incentivo às práticas de leitura dos textos literários poderia advir de temas que são próximos da realidade do aluno. De tal modo, optamos por uma sequência didática que privilegiasse a temática da natureza e dos animais, um exercício de cidadania e respeito àqueles que têm o campo como morada de origem.

CONCLUSÃO

Em se tratando de ensinar literatura na escola, o professor cumpre um papel de grande responsabilidade, pois, além de incentivar e servir como referência para o aluno, “é visto como mediador privilegiado tanto pela sua maior experiência de leitura, quanto pela sua proximidade ao aluno”. (COENGA, 2010, p.10).

Tudo isso tendo de levar em consideração a difícil comunhão desses jovens leitores com os livros, assim como, o parco contato com a leitura e, conseqüentemente, com os textos ficcionais, dentro e fora da sala de aula, pois, para grande parte do nosso alunado, esse material só se mostra oportunizado na escola, através da nossa mediação enquanto professores de Língua Portuguesa.

Por isso, a necessidade de reforçar nessa pesquisa a importância do letramento literário. Cosson (2012) considera que o ensino da literatura na escola passa por momentos difíceis e que o processo de leitura dos textos literários requer uma série de habilidades que podem e devem ser ensinadas na escola.

Nesse sentido, a zooliteratura, como campo de estudos de caráter transdisciplinar, coadunando com uma concepção dialógica da linguagem, pode contribuir com o ensino de Literatura, pois propõe uma nova forma de enxergar o papel social do texto literário, favorecendo, dessa maneira, uma melhor compreensão do ser literário, bem como inserindo novas abordagens do literário em sala de aula.

Acreditamos que a fábula, enquanto gênese e discurso milenar, contribui para despertar o prazer pela leitura, abrindo caminho para um olhar mais apurado e contextualizado sobre o poder-fazer no mundo.

Espera-se, com a prática de leitura dos textos literários selecionados a partir de uma temática contextualizada, promover o diálogo do texto com o aluno e, também, possibilitar uma formação mais crítica e ética, indo além da mera informação e entretenimento e proporcionando uma atividade de conscientização e sensibilização humana.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Fábulas Fabulosas. In: Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.) **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012.

BAWARSHI, Anis S. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução Benedito Gomes Bezerra...[et al.]. São Paulo: Parábola, 2013.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés do chão.** Disponível em: <https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/>. Acesso em 13 de julho de 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental.** São Paulo: Cortez, 2003.

COENGA, Rosemar. **Leitura e Letramento Literário: diálogos.** Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In.: **Valise de Cronópio.** Tradução Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2012.
_____. **Círculos de Leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

DESLACHE, Lucile. As vozes dos bichos fabulares: animais em contos e fábulas. In.: **Pensar/ Escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica.** Florianópolis: UFSC, 2011.

LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. MACIEL, Maria Esther. In.: **Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica.** Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e Animalidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARIA, Luzia de. **O que é conto.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Angélica de Oliveira. **Caminhos da fábula: literatura, discurso e poder.** Campina Grande: Bagagem, 2011.

PRADOS, Rosália Maria Netto. **Linguagens na contemporaneidade e diferentes leituras.** Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=abordagem+sociossemi%C3%B3tica+da+linguagem&oq=abordagem+sociossemi%C3%B3tica+da+linguagem&aqs=chrome..69i57j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 15 de julho de 2017.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.